

# Ensaio de anatomia do incesto

Claude Tapia, Claudine Haroche<sup>1</sup>

*De que formas o incesto pode se revestir? Se, infelizmente, os atos de maus tratos e de violência não são novos na história da humanidade, a pandemia e os confinamentos que a ela se seguiram trazem novas situações de sofrimento no seio do círculo privado e familiar. Enquanto a legislação permanece lacunar nesse caso, Claudine Haroche lembra que o quadro penal sobre o incesto é relativamente recente e se interroga sobre uma “atmosfera” e um “clima” incestuosos.*

**Claude Tapia:** Constatou-se que, em períodos de crise ou de perturbações sociais – como é o caso, hoje, com a pandemia e o confinamento por ela imposto –, um relaxamento moral pode ser observado em diversos meios sociais, mais modestos ou desfavorecidos, assemelhando-se, às vezes, a formas de agressões incestuosas, enquanto esse mesmo relaxamento poderia ser observado sobretudo nos meios mais beneficiados, em períodos de melhor clima social ou econômico. A respeito desse último caso, penso no *affaire Kouchner-Duhamel*, que foi objeto de inúmeros comentários na imprensa, assim como na publicação recente de várias obras autobiográficas. Por meio de quais mecanismos ou caminhos as variáveis socioeconômicas ou socioculturais, na sua opinião, agem para limitar ou favorecer os comportamentos individuais ou coletivos condenáveis?

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida pela professora Claudine Haroche, diretora de pesquisas no CNRS, França, ao professor Claude Tapia, da Universidade de Tours, publicada na *Journal des psychologues*, dezembro 2021- janeiro 2022. [Boa parte das citações entre aspas estão sem referência no texto de publicação original]. Tradução de Maria das Graças de Souza.

**Claudine Haroche:** Toda a mitologia grega, que está no fundamento da civilização [de modelo ocidental], não cessa de falar de Édipo, ou seja, da interdição.<sup>2</sup> Mais do que “relaxamento moral”, eu falaria, no que me concerne, de transgressão do interdito, de negação do limite, de tabu do incesto. É isso que levará Freud a inscrever o incesto no mais profundo da cultura.

Penso, e tens razão em assinalar isso, que a pandemia, que exigiu períodos de confinamento, teve efeitos que não são os mesmos segundo as condições econômicas e socioculturais. Se bem que o incesto – e nunca será demais repetir isso – afeta todas as camadas da sociedade.<sup>3</sup> De qualquer modo, é necessário lembrar que, durante muito tempo, associavam-se os maus-tratos com a pobreza, as classes trabalhadoras eram consideradas classes perigosas, o que é descrito nos textos de Louis Chevalier,<sup>4</sup> e, antes dele, de Eugène Buret.<sup>5</sup> A questão do espaço foi aí determinante: o confinamento, o isolamento, não foi vivido da mesma maneira, segundo o que se viu em espaços que impõem a proximidade entre várias pessoas que não têm “um espaço para si”: a promiscuidade ali se manifestou, experimentada por aqueles que foram objeto dela, vítimas de violência. A proximidade psíquica e física se impôs àqueles que se entregaram a incestos, tão temidos por aqueles que os sofreram. A relação com o espaço é, sem dúvida, diferente nos lugares em que cada um dispõe de um espaço para si. O clima poderia ser diferente nos dois casos: no primeiro, é o mau trato, o incestuoso com conhecimento e à vista de todos, que corresponde ao penal; o segundo mergulha no incestual, o clima psíquico que pode conduzir ao incesto, o que é descrito em *La família grande*.<sup>6</sup> A questão da passagem ao ato aí permanece posta e em parte imprevisível: é este o problema.

---

<sup>2</sup> HERITIER, F.; CYRULNICK, B.; NAOURI, A. *De l'inceste*. Paris: Poches/Odile Jacob, 2000.

<sup>3</sup> O filme dinamarquês *Festen* (1998), ambientado em um meio muito rico, seria emblemático a esse respeito.

<sup>4</sup> CHEVALIER, L. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Plon, 1958.

<sup>5</sup> BURET, E. *De la misère des classes laborieuses en Angleterre et en France*. Paris: Éditions Paulin, 1840.

<sup>6</sup> KOUCHNER, C. *La família grande*. Paris, Seuil, 2021.

Um segundo elemento menos tangível atua ainda nos incestos ligados à pandemia. A relação com a temporalidade, sem dúvida, não é a mesma, a confusão entre as gerações é mais marcada em um clima em que o cuidado com a saúde, com a higiene, tem como efeito uma atenção particular com o corpo, no qual são temidos os efeitos da idade, do envelhecimento, em que se encoraja o que será chamado “juvenismo” nas sociedades contemporâneas. A relação com o corpo, no caso, seria menos “liberada” nas famílias nas quais a tradição domina as gerações definidas pelos papéis segundo os sexos e a idade. Mas uma coisa é clara: pode-se legislar no espaço público; no espaço privado, é mais difícil.

**C. T.** – No capítulo de uma obra que você co-organizou (*O sentimento de humilhação*, 2007),<sup>7</sup> o seu colega Eugène Enriquez abordou o tema do “Outro como objeto da violência humilhante”, analisando diversas situações de humilhação e violência, dentre os quais o incesto brutal. Ele desenvolve a hipótese segundo a qual o sujeito humilhado, ao perder sua identidade e a estima de si, pode ser levado a amar o seu perseguidor (a síndrome de Estocolmo), tornando-se, assim, o receptáculo de seus fantasmas e desejos mais arcaicos, que lhe abrem, por assim dizer, “as portas do gozo”. Não se trata, aqui, do que foi descrito em romances recentes das vítimas que se tornaram escritoras de suas próprias experiências de submissão à pressão incestuosa de seus próximos? Assim, não se pode considerar que, insensivelmente, o problema do incesto tenha se tornado um tema literário da moda, propulsionado por diversos movimentos feministas? Poderíamos perguntar se essas obras literárias não contribuíram com uma espécie de estetização do delito do incesto, da confissão do incesto com ou sem arrependimento, e para além da busca discreta da absolvição?

**C. H.** – Enriquez se dedica à questão do outro como objeto da violência que humilha. Uma questão que se põe de uma maneira aguda no contexto das sociedades contemporâneas, nas quais a estima de si, sua busca, é constantemente desejada. A desvalorização, ou depreciação de si, e a humilhação são experimentadas na pobreza. A pandemia as decuplica no confinamento. A humilhação é reforçada entre os indivíduos confinados na promiscuidade e sem atividade, isolados, excluídos da sociedade,

---

<sup>7</sup> DELOYE, Y.; HAROCHE. C. *Le sentiment d'humiliation*. Paris: Editions in Press, 2007.

sentindo-se inúteis, impotentes, inexistentes. Esses pais precários ilustram e reforçam, assim, a ausência de autoridade. Desprezados, humilhados, econômica e socialmente, poderão se entregar a toda espécie de violência.

A situação de confinamento favorece a vergonha e a humilhação infligidas às vítimas dos maus tratos. Os atos incestuosos transformam as vítimas em coisa, em objeto, mas, para além disso, traem, dessacralizando a relação do sangue e o interdito. O incesto revela, ignora, sua singularidade, conduzindo à indiferenciação. A reificação no incesto nega a qualidade do sujeito, impõe uma desqualificação subjetiva. O confinamento implica um retorno no quadro do recinto familiar, um aprisionamento na família. Os homens se veem relegados à esfera privada e doméstica sem nenhum papel reconhecido na esfera pública profissional: podem experimentar uma inexistência social que não deixa de ter repercussão sobre o círculo familiar. O confinamento poderá suscitar, em alguns deles, a necessidade de afirmar sua autoridade, apagar a humilhação de falhar em sua autoridade de pai que se exerce nos lugares privados, tanto como em lugares profissionais, como em instituições e empresas. Poder-se-ia afirmar que o confinamento na família favorece a inclusão que desqualifica a todos, inclusive aos homens. No confinamento, os homens poderiam temer a angústia de uma impotência exacerbada.

Deve-se aqui fazer uma distinção no espaço do incesto, entre o incestuoso que remete ao penal, ao jurídico, e ao incestual,<sup>8</sup> o qual não conduz necessariamente à passagem ao ato. Aqui reina uma imprevisibilidade fundamental. O clima incestual instaura um mal-estar que havia sido claramente discernido por Freud, sublinhando a necessidade, até mesmo a impossibilidade, de apreendê-lo: “A lei não pode atingir as manifestações mais prudentes e mais sutis da agressividade humana”.<sup>9</sup> O mesmo não acontece com o incesto. Remetendo ao penal, o incesto supõe uma violência física e psíquica. Quando não há ato (como em muitos casos de assédio), isso dificilmente depende do direito; ora, há maneiras de ser, de olhar, de sugerir gestos, posturas, atitudes, que levam a que se pergunte: onde começa e onde termina um ato? O problema é sempre o mesmo: importa distinguir sinais que anunciam aproximações

---

<sup>8</sup> Filme de Paul-Claude Racamier, trata também do “clima incestual” (1995).

<sup>9</sup> FREUD, S. *Malaise de la culture*. Paris: PUF, 2010 [1930].

que podem ser o prelúdio de atos no espaço público. Pensamos, aqui, nos trabalhos de Richard von Kraft-Ebbing<sup>10</sup> e, mais geralmente, na emergência de escritos consagrados à perversão da segunda metade do século XIX. O problema se põe, então, de modo profundamente diferente no espaço privado familiar, ao abrigo dos olhares exteriores à família. O relato do incesto não poderia, em nenhum caso, parece-me, banalizá-lo, absolvê-lo em qualquer coisa que seja, mas contribui, ao descrevê-lo, para que se tome consciência dele, para que se apreenda seu caráter profundamente destrutor e se possa discerni-lo e, eventualmente, evitá-lo. Não se pode negligenciar o fato de que o caráter penal do incesto é recente na história. O autor do incesto impõe o medo, a vergonha e o silêncio àquele que foi sua vítima. Ele faz dela – eu afirmava isso agora, há pouco – um objeto, uma coisa, no sentido literal do termo: ele não deixa de ameaçar no caso de revelação a um terceiro. É precisamente essa vergonha e esse medo que foram abordados em seus escritos, e esse silêncio também aparece em muitos testemunhos, romances, autobiografias e certos filmes, tais como *Chatouilles*<sup>11</sup> ou ainda *Grâce à Dieu*.<sup>12</sup> Esta é a razão pela qual eu não diria que o incesto se tornou um tema literário da moda, mas responde a uma necessidade de superar a vergonha, sair do silêncio para denunciá-lo, atualizá-lo; também responde à necessidade de se reapropriar do próprio corpo. Se o incesto é imemorial – quaisquer que sejam as formas que ele toma nas culturas –, ele está inscrito no mais profundo do ser humano. Deve-se continuar a combatê-lo, a fim de permitir a construção do ser: a separação necessária do corpo do filhote humano do corpo de sua mãe, a fim de permitir à criança se desenvolver e se construir. O incesto se define pela incorporação fantasmática do outro em si e pela devoração que conduza uma indiferenciação, coexistindo paradoxalmente com o reconhecimento recente dos direitos da criança. É nisso que a sociedade do consumo assume verdadeiramente o seu sentido?

---

<sup>10</sup> KRAFFT-EBING, R.V. *Sadisme de l'homme, sadisme de la femme*. Paris: Payot, 2021 [1893].

<sup>11</sup> Filme de d'Andréa Bescond e Eric Métayer, lançado em 2018, adaptado de sua peça de teatro *Les Chatouilles, ou a Dance de la colère*.

<sup>12</sup> Filme de François Ozon de 2019, inspirado nos casos Bernard Preynat e Philippe Barbarin.

**C. T** – Em uma obra recente, *O incesto, cenas de família*,<sup>13</sup> o psicanalista Pierre Benghozi considera a brutalidade incestuosa como o sintoma de uma organização genealógica geradora de violência ou ainda como uma *relação objetal genital que se situa fora da construção edipiana, pedra angular de nossa civilização e suporte do desenvolvimento dos laços sociais*. De que modo os efeitos de uma degradação dos princípios e dos valores fundamentais, guiando o processo de transmissão intergeracional e as práticas, poderiam levar à abertura de brechas profundas nas estruturas familiares e afetar os modos de passagens do inconsciente parental ao inconsciente das crianças?

**C.H.** – O incesto perdura, mesmo quando todos os papéis, todos os modelos familiares foram abalados. É preciso evocar, aqui, Alexander Mitscherlich,<sup>14</sup> que publica uma obra na qual pressente o advento de uma “sociedade sem pai”; quando o papel da autoridade do pai é compartilhado com o da mãe, depois progressivamente substituído pelos termos de *autoridade parental*. Antes de que o reconhecimento dos direitos da criança possa aparecer como um paradoxo, supõe-se que o adulto seja responsável pelo limite que a criança ignora completamente, em razão do estágio de desenvolvimento em que se encontra, sua imaturidade, e em face do domínio do outro tanto quanto da sua ausência de autoridade: o reconhecimento dos direitos da criança é assim paradoxal, pois ele a protege e ao mesmo tempo a situa no mesmo nível – faz dela um igual em relação àquele que deve colocar o limite.

Há outras questões às quais eu gostaria de voltar: saber se a família é sempre um espaço do olhar, se ela não se tornou um espaço público e até que ponto isso pode ter acontecido. A família, que, por definição, é um lugar fechado, é um espaço privado, torna-se um espaço de observação. O governo das distâncias e das aproximações é possível, pelo menos viável, no espaço público. Ele o é muito menos no espaço privado, ao abrigo dos olhares. Assim, na esfera pública, no espaço urbano, os trabalhos psiquiátricos do século XIX empreenderam caracterizar esses homens que assediam as mulheres, esses roçadores, beliscadores,

<sup>13</sup> BONNET, Gérard. *Comment peut-on être pervers? Inceste, viol, pédophilie*. Paris: Gallimard, 2020.

<sup>14</sup> MITSCHERLICH, A. *Vers la société sans pères*. Paris: Gallimard, 1970.

esfregadores, mordedores, esses famosos cortadores de tranças.<sup>15</sup> Os gestos, as aproximações excessivas, as agressões corporais, sexuais são aí identificadas, categorizadas, eventualmente sancionadas. Isso também acontece no presente, com as diferentes brigadas de intervenção que se esforçam para proteger as mulheres dos roçadores profissionais, que assolam no metrô, quando os indivíduos se amontoam nos vagões. Alguns filmes egípcios, tais como *As mulheres do ônibus 678*<sup>16</sup> ou *As mulheres do Cairo*,<sup>17</sup> deram conta perfeitamente do que as mulheres sofrem, tanto nesses transportes como em sua vida privada, sem se beneficiar do menor apoio do público nem dos serviços de polícia que, em inúmeros países, fecham os olhos para esses acontecimentos.

Evocarei novamente a zona cinzenta, indistinta, que se estende entre fatos jurídicos sancionáveis e esse clima, essa atmosfera psicológica na qual se crê identificar sinais de alerta. Certamente não se legisla sobre um clima psicológico, uma atmosfera, mas podemos nos mostrar sensíveis.<sup>18</sup> Isso nos conduz a colocar questões que estão nos fundamentos das ciências sociais.<sup>19</sup> Em que consiste um ato brutal no mau trato? Um incesto? Onde começa um ato insidioso, que se estende na duração e se repete? Quais as relações entre gestos e atos: o afloramento e o roçar são gestos? Os gestos voluntários podem ser considerados como atos?

Na pandemia, as pessoas se confinam para se proteger do vírus, a fim de sobreviver. Procura-se escapar do vírus, não sufocar fisicamente e, eventualmente, escapar da morte. Mas o confinamento pode também sufocar psiquicamente e socialmente, o que traz um apagamento das regras que constituem fundamentalmente formas de proteção, leis: não se está protegido nem de si mesmo, nem do outro. É a isso que Françoise

---

<sup>15</sup> KRAFFT-EBING, R. V. *Sadisme de l'homme, sadisme de la femme*. Paris: Payot, 2021 [1893].

<sup>16</sup> Título original: *Cairo 678*, de Mohamed Diab, Egito, 2010.

<sup>17</sup> Título original: *إحكي يا شهرزاد*, 'Eḥky ya Šeherazāde [Fale Sherazade], de Yousry Nasrallah, Egito, 2009.

<sup>18</sup> HAROCHE, Claudine, Le harcèlement: une question sensible, In: KOUBI, G. (org.). *Questions sensibles*. Paris: PUF, 1998.

<sup>19</sup> DURKHEIM, É. Qu'este-ce qu'un fait social. In: DURKHEIM, É. *Règles de la méthode sociologique*. Paris: Champs Flammarion, 2000 [1884].

Héritier<sup>20</sup> dá a seguinte resposta, em uma obra consagrada ao incesto, citando Dominique Vrignaud: “Educar vossa criança é em primeiro lugar saber vos separar dela”. Françoise Héritier a comenta nos termos que se seguem: “Isso mostra que a harmonia em nossas famílias e, portanto, em nossas sociedades, pressupõe o distanciamento dos idênticos e a aproximação dos diferentes”.

Quando não houver separação necessária entre a mãe e a criança, o que será descrito nos trabalhos de Donald Winnicott,<sup>21</sup> em uma elaboração teórica luminosa, a indiferenciação tende a impedir a construção de um espaço interior, de um foro interior. Haveria, assim, uma desvalorização de si. E, para além disso, se nos referirmos aos trabalhos de etnopsiquiatria, tais como os de Georges Devereux,<sup>22</sup> há um desaparecimento de si no interior do outro, uma devoração de si pelo outro. Nesses trabalhos, a devoração e a incorporação ocupam um papel central. Pode-se chegar até a comer – realmente – seu semelhante, sua criança, seu próximo.<sup>23</sup> Não é esta a natureza literária do incesto?

**C. T** – Em algumas ocasiões, foi possível aproximar, em diversas publicações, o incesto e a pedofilia, porque têm em comum o fato de exprimir o exercício conjunto da sedução e do domínio, assim como conta, por exemplo, Vanessa Springera, em seu *O consentimento*,<sup>24</sup> o relato catártico de uma adolescente de 14 anos seduzida por um escritor célebre e que se tornou autora dessa história íntima. Ela se interroga: “Por que essa tolerância da opinião pública e da justiça para com derivas de natureza sexual quando foram cometidas por representantes da elite?”. Como se poderia explicar a severidade desigual ou a indulgência para com fatos condenáveis desse tipo, segundo o pertencimento social ou a notoriedade dos autores de atos incestuosos? Não existiria aí o efeito de uma espécie de fascinação das camadas sociais médias ou inferiores por

<sup>20</sup> HERITIER, F.; CYRULNICK, B.; NAOURI, A. *De l'inceste*. Paris: Poches, Odile Jacob, 2000.

<sup>21</sup> WINNICOTT, D. W. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1971.

<sup>22</sup> DEVEREUX, G. Les pulsions cannibaliques des parents (1970-1971). In: DEVEREUX, G. *Essais d'ethnographie générale*. Préface Roger Bastide. Paris: Gallimard, 1998 [1966].

<sup>23</sup> Refere-se a um caso trágico que se passou em Paris, em 1981, quando um indivíduo comeu uma jovem.

<sup>24</sup> SPRINGORA, V. *Le consentement*. Paris: Grasset, 2020.

deslizes morais de membros da “alta sociedade”? E não haveria, nessa relativa tolerância ou indulgência, uma expressão da hipermodernidade?

**C. H** – Há uma atração imemorial pelo bebê, pela criancinha – a questão é saber o que se entende por atração, presente tanto no ser humano quanto no animal, e, sobretudo, até onde se pode ir. Assim, quando temos um bebê nos braços, não cessamos de escutar frases como “é tão bom que eu o comeria”, e elas não têm nada de inquietante. A juventude da prole, a mãe que não protege sua criança, seja por cegueira ou descuido, seja porque se sente lisonjeada por sua filha ser objeto de desejo, evocam os incestos do segundo tipo, discernidos por Françoise Héritier. Elas remetem em profundidade aos estudos que Georges Devereux consagrou às pulsões canibais.<sup>25</sup>

Não penso que haja uma fascinação das camadas sociais inferiores. As sociedades contemporâneas conheceram a generalização, a extensão das tecnologias digitais que contribuem, por sua imediatez, sua aceleração, para apagar as regras, os limites. Elas instauram, assim, condições de transgressão difíceis, até mesmo impossíveis, de apreender. A natureza do vínculo mudou: o eu, diante das telas, é doravante privado da presença do olhar do outro, mas está, ao mesmo tempo, sob o olhar de milhares de indivíduos. Cada vez mais isolado, ele tende a se ver desprovido de contatos diferentes dos tecnológicos por meio de redes; um eu que pode, assim, tornar-se frágil e dependente, impotente e desorientado, submetido, no confinamento, ao declínio das proteções sociais e psíquicas.

A sedução exercida pelo poder sobre os indivíduos e as massas é atestada, qualquer que seja a época. Trata-se, aqui, de representações imemoriais, que associam as elites, o poder, a dominação, a sedução, a atração, o controle. Os reis – é necessário lembrar – engolem inúmeras amantes. Lembremo-nos de certos papas, como Alexandre Borgia, que tinha filhos de sua própria filha.

**C.T** – No quadro dessa reflexão sobre o incesto, não podemos deixar de nos interrogar sobre o lugar do amor na dinâmica negativa da violência incestuosa, no desejo brutal de apropriação ou de captação do objeto, do corpo “a ser consumido”, e até a decupagem inconsciente da

---

<sup>25</sup> DEVEREUX, G. Les pulsions cannibaliques des parents (1970-1971). In: DEVEREUX, G. *Essais d'ethnographie générale*. Préface Roger Bastide. Paris: Gallimard, 1998 [1966].

unidade corporal da vítima para gozar dele sem implicação do pensamento. Contudo, na literatura que trata do incesto, os violadores e abusadores denunciados pelos autores falam do amor, da afeição, às vezes, de culpabilidade. Como explicar a coexistência, na agressão incestuosa, da pulsão, energia violenta e destruidora, com um discurso carinhoso e lúdico? O psicanalista Philippe Robert responde indiretamente à questão, refutando essa ambiguidade: “O incesto, ele escreve, não é uma forma desviada da ternura, ele se opõe a ela (...), porque deve ser compreendido em termos da impossibilidade de criar laços.”. O que você pensa disso?

**C.H.** – Eu gostaria de lembrar brevemente a etimologia do incesto. A palavra vem do latim *incestum*, mancha, que subentende a pureza, a integridade do corpo. *Incesto*: tornar impuro. O incesto provoca a perda da integridade física e psíquica. Não vejo, na verdade, o amor nem a afeição, nem mesmo a culpabilidade no que concerne ao autor do incesto.

Responderei mais em termos de pulsão, voltando, para isso, ao texto de Freud consagrado às pulsões.<sup>26</sup> Aliás, seria preciso desenvolver a questão da perversão. Freud assinala que “a pulsão não ataca do exterior, mas do interior do corpo”. Disso ele deduz que “nenhuma fuga serve para qualquer coisa que seja que lhe seja contrária”, vendo, então, na excitação pulsional, “uma necessidade (...) que será eliminada pela satisfação”. Compreende-se, então, que há, aqui, pouco lugar para pensar, refletir.

Freud evoca, então, a juventude da prole: “Situemo-nos do ponto de vista de uma criatura quase totalmente na impotência e no desalento”. Essa criatura está perdida, desprovida “de orientação no mundo”, reduzida à “substância nervosa [que] capta as excitações”.

Freud trata, assim, do “*objeto da pulsão*”, que ele define do seguinte modo: “Aquilo sobre o que ou pelo qual a pulsão pode atingir seu fim”, em outras palavras, a vítima do incesto. Ele assinala, pois, que “o elemento mais variável na pulsão não lhe é ligado de maneira original, mas lhe é somente designado em razão de sua capacidade específica de permitir a satisfação. Não se trata necessariamente de um objeto estranho; pode ser muito bem uma parte de seu próprio corpo”. Freud evoca, então, aqui, a eventualidade de mecanismos de defesa: pode-se escapar da pulsão? Opor-se a ela? A

---

<sup>26</sup> FREUD, S. *Pulsions et destins des pulsions*. Paris: Payot, 2018 [1915].

resposta pelo vínculo poderia ser um mecanismo de defesa, uma maneira de evitar o ódio e o início de um processo de resiliência.

Freud, em seguida, chega à distinção entre as “pulsões originais”, “pulsões do eu” ou “de autoconservação” e as pulsões sexuais”.

Ele, então, destaca uma diferença essencial entre o amor e a necessidade quanto à questão das relações incestuosas: “Dos objetos que servem à conservação do eu, não se diz que os amamos: diz-se que temos necessidade deles, e isso é expresso, por exemplo, por um suplemento de relação de um outro tipo, empregando palavras que deixam adivinhar um amor bem enfraquecido, como gostar muito, apreciar, achar agradável”.

Compreende-se, então, que o objeto do incesto possa estar ligado à ausência – à privação – de identidade e seu caráter intercambiável. “Pode-se até mesmo afirmar que os verdadeiros modelos para a relação de ódio não provêm da vida sexual, mas do combate levado pelo eu para se conservar e se afirmar”. “Enquanto relação ao objeto, o ódio é mais antigo do que o amor; ele decorre da rejeição inicial que o eu narcísico opõe ao mundo exterior que dispensa as excitações”. Enfim, quanto à vítima do incesto, eu me voltaria sobretudo para o lado dos mecanismos de defesa e da possibilidade de resiliência, da qual trata Boris Cyulnik. Talvez seja necessário compreender que o essencial é escapar do ódio e evitá-lo.

**C.T.** – A imprensa anunciou recentemente a criação de uma comissão nacional destinada a refletir e a agir sobre o problema do incesto na França, chamando as vítimas a se manifestarem e a testemunharem em uma plataforma telefônica. Isso em resposta à inquietação de numerosos pedopsiquiatras, a respeito do que se chamou de “o silêncio das crianças”, vítimas de violências sexuais por parte de membros de suas famílias. O que pensar da oportunidade e da eficácia dessa iniciativa? É uma boa resposta à fratura das relações intergeracionais?

**C.H.** – Mais do que de fratura, eu falaria de ruptura. As crianças conseguem facilmente sair do silêncio? Certamente não. Elas podem ter sido ameaçadas pelos seus agressores, têm medo de ferir seus pais. Têm também vergonha, uma vergonha igualmente inconfessável. É necessário, então uma terceira pessoa, uma mediação, o apoio da palavra: a ausência de um terceiro reforça a lei do silêncio. A existência de plataformas supõe tomar a palavra individualmente, o que não poderia ser feito sem um terceiro.

Françoise Héritier,<sup>27</sup> ao se referir aos trabalhos de Dominique Vrignaud,<sup>28</sup> que é juiz da infância, assinala que “pedimos cada vez mais às crianças que tomem decisões em coisas que as concernem. Elas se encontram, assim, elevadas ao mesmo nível jurídico e simbólico de seus pais”. Trata-se, entretanto, de uma igualdade paradoxal. Seus escritos indicam, com efeito, que, “para satisfazer seu desejo de imortalidade imediatamente, e não mediatamente, há duas soluções. Aquela dos mitos, quer seja o de Édipo, que expõe a criança, isto é, que a renega para conjurar a morte, ou o de Chronos, que devora seus filhos à medida que os gera, a fim de provocar um curto-circuito na fuga do tempo e evitar a morte”. Até onde vão estes mitos? Será que influenciariam nossos comportamentos, nossas crenças, em relação à realidade?

Dominique Vrignaud observa que “a relação compreendida no sentido de troca é substituída na relação incestuosa (...) por uma absorção do sujeito, reduzido à noção de objeto do desejo do adulto”. O magistrado vê ainda um outro elemento: “o reconhecimento da pessoa da criança como sujeito de direito, consequência e causa da alteração jurídica e social do poder do pai e da mãe sobre ele”. Ele conclui disso, então, que o limite deve ser posto pelo adulto.

Em uma sociedade em que a relação ao limite é apagada, em que a ilimitação domina, o último limite que permanece é a finitude de cada ser humano. Está aí o que Françoise Héritier via no incesto: uma resposta à finitude, uma eventualidade de imortalidade “que significa guardar a criança no colo a fim que ela não cresça nunca, que não seja jamais prometida à morte e, conseqüentemente proteja também seus pais”.

É possível conseguir liberar-se dos fatos e dos efeitos do incesto? Escapar dele, quando foi vivido por muito tempo? É possível se precaver contra ele? A afirmação – a reafirmação – de uma identidade, a reapropriação de si, permitiria sair da vergonha, reparar as humilhações sofridas? É possível recobrar sua identidade, escapando da incorporação subjacente do idêntico?

---

<sup>27</sup> HERITIER, F.; CYRULNICK, B.; NAOURI, A. *De l'inceste*. Paris: Odile Jacob, 2000.

<sup>28</sup> VRIGNAUD, D. Les comptes de l'inceste ordinaire. In: HERITIER, F.; CYRUNIK, B.; NAOURI, A., *De l'inceste*. Paris: Odile Jacob, 2000.

Françoise Héritier lembra: “A proibição do incesto não é nada, a não ser uma separação do mesmo, do idêntico”, ecoando nisso o “impensável absoluto”, o da partenogênese. Ela evoca, então, Claude Lévi-Strauss, que “indica, com efeito, o imemorial desejo de permanecer entre si que é conservado por todas as sociedades e que elas, evidentemente, não podem realizar”.

Em que nível, ou em que termos, é necessário, conseqüentemente, apreender a questão do incesto? Tomando consciência da complacência em relação a esse clima incestual, saindo da metáfora, da alusão, a exemplo de Barbara, que, cantando *Aigle Noir*, em 1970, afirma, com todas as palavras, a violência e o lado sombrio do incesto paternal; explicitando, pondo em palavras e trazendo à luz a experiência vivida do incesto.

Por muito tempo caladas, certas violências escondidas, eufemizadas malgrado a ausência de limites, são finalmente reveladas, ditas. O reconhecimento súbito do incesto faz parte de um clima geral de dominação, de assédio; passa de formas de dominação pública a formas de dominações privadas, familiares, brutalidades íntimas se desenvolvendo ao abrigo do olhar.

## Bibliografia

BONNET, Gérard. *Comment peut-on être pervers? Inceste, viol, pédophilie*. Paris: Gallimard, 2020.

BURET, E. *De la misère des classes laborieuses en Angleterre et en France*. Paris: Éditions Paulin, 1840.

CHEVALIER, L. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris: Plon, 1958.

DELOYE, Y.; HAROCHE, C. *Le sentiment d'humiliation*. Paris: Editions in Press, 2007.

DEVEREUX, G. Les pulsions cannibaliques des parents (1970-1971). In: DEVEREUX, G. *Essais d'ethnographie générale*. Préface Roger Bastide. Paris: Gallimard, 1998 [1966].

DURKHEIM, É. Qu'est-ce qu'un fait social. In: DURKHEIM, É. *Règles de la méthode sociologique*. Paris: Champs Flammarion, 2000 [1884].

FREUD, S. *Malaise de la culture*. Paris: PUF, 2010 [1930].

FREUD, S. *Pulsions et destins des pulsions*. Paris: Payot, 2018 [1915].

HAROCHE, Claudine, Le harcèlement: une question sensible, In: KOUBI, G. (org.). *Questions sensibles*. Paris: PUF, 1998.

HERITIER, F.; CYRULNICK, B.; NAOURI, A. *De l'inceste*. Paris: Odile Jacob, 2000.

KOUCHNER, C. *La familia grande*. Paris, Seuil, 2021.

KRAFFT-EBING, R. V. *Sadisme de l'homme, sadisme de la femme*. Paris: Payot, 2021 [1893].

MITSCHERLICH, A. *Vers la société sans pères*. Paris: Gallimard, 1970.

SPRINGORA, V. *Le consentement*. Paris: Grasset, 2020.

VRIGNAUD, D. Les comptes de l'inceste ordinaire. In: HERITIER, F.; CYRUNIK, B.; NAOURI, A. *De l'inceste*. Paris: Poches, Odile Jacob, 2000.

WINNICOTT, D. W. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1971.